

HEIDEGGER ENTRE A FILOSOFIA E A HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA^[1]

Nicolas Tertulian^[2]

A adesão de Heidegger ao nacional socialismo não foi um ato instantâneo, surgido sobre a pressão de acontecimentos pontuais (o afastamento do reitor da Universidade von Möllendorf e o apelo a Heidegger para “salvar a Universidade”), mas um processo que se estende no tempo, cujas raízes remontam ao menos o início dos anos trinta. Antes de interrogar as relações entre as especulações ontológicas do filósofo (seu pensamento sobre o Ser) e seu engajamento político, é preciso olhar mais de perto a história dos acontecimentos, o jeito pelo qual Heidegger reagiu à situação sócio-política de seu tempo, a fim de descobrir os motivos imediatos de seu engajamento.

Possuímos um *corpus* de documentos (as cartas à sua mulher, ou à Elisabeth Blochmann, por exemplo, testemunhos de contemporâneos, como o de Hermann Mörchen, aluno de Heidegger à época) que lançam luzes, por vezes inéditas, sobre o trajeto de sua adesão.

Lendo as cartas a sua mulher sabemos, por exemplo, que desde o outono de 1930 Heidegger era um leitor do *Völkischer Beobachter*, órgão do partido nazista, que ele acompanhou com satisfação os impasses de acusação no famoso processo de Leipzig (onde três oficiais simpatizantes nazistas foram julgados por propaganda nacional-socialista no exército) e que ele registrou com interesse a advertência do partido nazista endereçada ao presidente Hindenburg em relação ao seu apoio ao chanceler Brüning^[3] e ao partido católico de centro (o *Zentrum*)^[4].

Segundo o testemunho de Hermann Mörchen, que visitou seu professor durante as festas de Natal no final do ano de 1931, Heidegger participou a ele sua convicção de que o nacional-socialismo era o único movimento capaz de se opor de maneira eficaz ao perigo do comunismo; nem o “idealismo

democrático”, nem a “probidade de Brüning”, mereciam ser tomadas em conta no ponto em que as coisas haviam chegado. Não era mesmo preciso recuar diante ao “método Boxheimer”^[5] (é preciso lembrar que os “dossiers Boxheimer” continham documentos encontrados sobre um certo Dr. Best, tornado mais tarde um alto funcionário nazista, e que atestou a organização de um complô nacional-socialista em Hesse, com a lista dos homens políticos a abater após a tomada do poder).

A obsessão com o comunismo foi certamente um impulso central da adesão de Heidegger ao nacional-socialismo. Uma carta enviada durante o verão de 1932 à sua mulher menciona publicações mensais de Trotsky, que dava seu ponto de vista e seus comentários sobre a situação alemã. Heidegger falava de suas discussões com Alfred Baeumler, aquele que viria a se tornar uma das figuras de proa do *establishment* nazista, a respeito do crescimento potencial do perigo comunista. Ele se sentia plenamente engajado no combate contra o comunismo. Uma carta enviada em 7 de março de 1933 à Maria Scheler, a viúva de Max Scheler, caucionava sem reservas a argumentação de Hitler em favor do terror, meio legítimo, aos olhos de Heidegger, tendo em vista as “ações tenebrosas” dos comunistas. Esta carta contém também um elogio apoiando a figura de Horst Wessel^[6], personagem canonizado pelos nazistas, elogio que lembra aquele a Albert Leo Schlageter^[7], outro personagem glorificado pelos nazistas, que Heidegger vai celebrar dois meses mais tarde. Na carta enviada após a Segunda Guerra mundial a Hebert Marcuse, datada de 20 de janeiro de 1948, Heidegger definiria assim as razões de seu engajamento político: “A propósito de 1933: eu esperava do nacional-socialismo uma completa renovação espiritual da vida, uma reconciliação dos antagonismos sociais e um resgate da existência ocidental dos perigos do comunismo”.

Mas Heidegger nutria também uma forte animosidade contra o catolicismo e contra o movimento ideológico e político que o representava, o *Zentrum*. Ele acusou este último de ter encorajado o “liberalismo”, um outro grande alvo de sua polêmica, pois ele encarnava o reino do nivelamento e da mediocridade. “O comunismo, entre outros, é talvez horrível, mas esta é uma

coisa clara – escreveu ele em junho de 1932 à Elizabeth Blochman – enquanto que o jesuitismo é – me perdoe – diabólico.” Na mesma carta ele designa Roma (o Vaticano) e Moscou (Kremlin) como as duas potências ideológicas e políticas contra aqueles que ele chamava de as vozes da helenização do espírito alemão, preconizada por Nietzsche, portanto contra aquilo que ele chamaria um pouco mais tarde, em uma carta endereçada à sua mulher em 19 de março de 1933, “a metafísica da existência alemã”. Ele achava que seu amigo Jaspers era em seu pensamento ainda muito tributário de um espírito “humanitário” (zu “*menschheitlich*”) e ainda muito marcado por certa espiritualidade “heidelberguiana” para compreender plenamente o alcance da revolução em curso.

A reprovação do liberalismo atravessa os escritos de Heidegger dos anos trinta. Suas críticas visam tanto a ordem sócio-política construída segundo os princípios liberais e democráticos (a sociedade como um agregado de indivíduos autônomos), como seus fundamentos doutrinários. Ele jamais escondeu sua viva hostilidade contra a República de Weimar, com seu fracionamento da vida social em uma multiplicidade de partidos políticos. O *cogito* cartesiano e o eu transcendental kantiano eram a seus olhos caução filosóficas da sociedade liberal e democrática moderna. O neokantismo é qualificado no relatório enviado em junho de 1933 a respeito do filósofo neokantiano Richard Höningwald^[8] como um pensamento dimensionado sob medida para o liberalismo. A organização do Congresso Descartes de Paris em 1937, para festejar os 300 anos do aparecimento de *Discurso do Método*, foi definido por Heidegger como “uma promoção da concepção dominante do saber liberal-democrático”, que requeria a seus olhos da parte da delegação alemã uma resposta autenticamente alemã. “Sobre este assunto, não são os desejos da direção francesa do congresso que me importa – escreveu ele em sua letra ao Reitor Metz – mas a *vontade originária* (*der ursprüngliche Wille*) das autoridades alemãs de me ver figurar ou não na delegação alemã”.

Sobre a democracia as visões de Heidegger eram desprovidas de ambigüidade: “A Europa quer sempre se agarrar à democracia e não quer aprender a ver que esta última seria sua morte histórica – dizia ele em 1937 em

seu curso sobre Nietzsche. Pois a democracia não é, como Nietzsche o disse claramente, nada mais que uma variação do niilismo, a desvalorização dos valores mais altos...”.

A crítica sócio-política (Heidegger dirige um escárnio para as sociedades fundadas sobre o *bem comum – der Gemeinwohl* – e para o “morno nivelamento” – *die ode Gleichmacherei*) está associada a uma crítica filosófica, onde ele põe em jogo os princípios de seu próprio pensamento. O *cogito* cartesiano ou o eu transcendental kantiano são filosofias da “consciência”, que fundam “a segurança de si” do sujeito, esta última sendo, segundo Heidegger, “a essência a mais íntima do liberalismo”. Ele as reprova particularmente de desviar o olhar do enraizamento do sujeito em seu solo histórico (na “comunidade do povo” e no seu “destino”, em seu relatório sobre Höhnigswald ele falou do “sangue do solo”, do *Blut und Boden*). O neokantismo é acusado de se sacrificar ao fantasma de uma “razão lógica universal”, a exemplo mesmo de um pensamento desencarnado, de uma “consciência que flutua no ar” (*ein freischwebendes Bewusstsein*).

Os violentos golpes de Heidegger contra os pensamentos inimigos (o comunismo é acusado de ser o acabamento do reino da *Machenschaft*, da manipulação das coisas, o cristianismo de sacrificar à idéia de *causalidade*, falando de Deus como da *causa primeira* do mundo, o liberalismo de ser o portador de um pensamento desenraizado, que faz obstrução à apreensão da historicidade do *Dasein*) – estes golpes violentos são destinados a justificar seu engajamento em favor da revolução nacional socialista, revolução anti-comunista, anti-cristã e anti-liberal por excelência. Seu pensamento do ser lhe fornece o andaime conceitual para fundar a transformação histórica radical da existência humana (*der geschichtliche Wesenswandel vom Dasein*) que ele preconiza e do qual nos anos trinta o movimento nacional-socialista lhe parece como o vetor.

Existe um texto onde o próprio Heidegger revela a conexão entre seu engajamento para a revolução nacional-socialista, a mutação introduzida pelo seu pensamento sobre o *Dasein* e a apreensão radicalmente nova do ser preconizada por sua filosofia. Trata-se de uma carta enviada à Elisabeth

Blochmann em 30 de março de 1933 (alguns dias após Hitler ter sido investido de plenos poderes pelo famoso *Ermächtigungsgesetz*), onde Heidegger fala da “potência inabitual de recolhimento” (*die ungewöhnliche sammelnde Kraft*) que desperta nele a revolução nacional-socialista, justamente porque muitas coisas permanecem obscuras e não matizadas. Ele concretiza assim seu estado de espírito: “Isto aumenta a vontade e a certeza de trabalhar ao serviço de uma grande tarefa e de participar da construção de um mundo fundado sobre o povo”. E é neste contexto, a propósito de sua participação na construção de um novo mundo, que ele se felicita de ter rejeitado desde muito tempo o antigo mundo dos “valores” e da “cultura” (ele fala do caráter “fantasmagórico” de uma simples “cultura” e qualifica de irreal os pretensos “valores”) e de ter encontrado no *Dasein* (na concepção da existência como ser-ai) o “terreno novo” (*den neuen Boden*). É surpreendente como o *Dasein* aparece aqui como um *conceito de combate*, como a alavanca para o agenciamento do novo mundo. Já em seu curso de 1929-1930, “Os conceitos fundamentais da metafísica”, Heidegger disse: “Nós esquecemos o fato de que o *Dasein* não é em nada, por assim dizer, como se a gente passasse de carro, mas qualquer coisa que é preciso que o homem assuma plenamente”. A assunção do *Dasein* choca com o desuso e com a obsolescência da antiga metafísica da subjetividade e funda uma abertura autêntica ao ser. Heidegger conclui assim seu raciocínio: “Nos não o encontraremos (o *Dasein*, o ser-ai) e, ao mesmo tempo (que ele) a vocação dos alemães na história do Ocidente se não nos expusermos ao ser mesmo de uma nova maneira e com um modo novo de apropriação”.

Heidegger faz portanto convergir os motivos fundamentais de seu pensamento (a ontologia do *Dasein*, a abertura ao ser) com os objetivos da revolução nacional-socialista. Ele demarca na mesma carta que o combate contra o “marxismo” e contra o partido católico do *Zentrum* arrisca se fechar em um impasse, se não se empreender um combate espiritual contra seus fundamentos doutrinários, contra “o pecado contra o espírito que é o fato do mundo comunista” e contra “o espírito moribundo do cristianismo”. A revolução, a seus olhos, não pode ser puramente política (isto seria permanecer na superfície das coisas), mas ela deve ser sobretudo espiritual: seu pensamento

se quer a expressão desta “missão escondida” (*verborgener Auftrag*) do povo alemão.

A antiga metafísica da subjetividade, assim como sua última excrescência: uma vez destituído o reino da manipulação (da *Machenschaft*), são recolocados em causa, por via de consequência, as formas sociais que dele decorrem: as sociedades liberais-democráticas, em primeiro lugar, mas, mais globalmente, o “americanismo”, assim como o “bolchevismo”, último avatar do reino da *Machenschaft*.

A surpresa oferecida pela publicação dos cursos de Heidegger nos anos trinta e quarenta é a abundância de suas reflexões sobre a história contemporânea, sobre o comunismo e a estrutura do sociedade soviética, sobre o americanismo e sobre o sistema político inglês, sobre certos aspectos da política de Mussolini e do fascismo italiano, sobre as razões da vitória da Alemanha sobre a França na Segunda Guerra Mundial, etc.

O quadro de leituras destas realidades sócio-históricas é sempre seu pensamento do ser, tendo como eixo de referência a diferença ontológica entre o ser e o sendo: é assim que as formas de sociedade que ele abomina (a sociedade americana assim como a sociedade soviética) são designadas como formas extremas da *Seinsverlassenheit*, do abandono do ser.

Em seus escritos sobre Ernst Jünger (redigido nos anos 1939-40) ou nas suas cartas enviadas no final 1939 aos combatentes do *front* (e onde está a questão igualmente de Jünger), Heidegger esboça os lineamentos de um *ethos* que decorreu de seu pensamento sobre o ser. Ele toma distância em relação a Jünger, que ele julga totalmente assujeitado a Nietzsche e a sua “vontade de potência”: ou, esta última, é aos olhos de Heidegger uma expressão extrema da metafísica da subjetividade.

O *ethos* heideggeriano exige a emancipação dos atores da história da hegemonia do sendo (ele observa que a dominação hegemônica começa a vacilar) e a instauração da “confiança no ser” (*Zuversicht zum Seyn*). Falando da competição entre os “impérios” democráticos (a Inglaterra, a América) e a

“ditadura imperial” da Alemanha, ele exprime por um ato de fé (*das ist unser Glaube*) sua confiança na “potência essencial escondida e não ainda purificada” pela qual os Alemães virão a vencer o espírito da idade moderna e instaurar a relação com o ser que ele chama de suas intenções (cf. GA, vol. 90, p. 222). A profunda hostilidade contra a Inglaterra e contra sua ordem política é visível no isomorfismo que ele estabelece em um texto redigido em 1939-1940, entre o Estado inglês e o Estado soviético (cf. GA, vol. 69, p. 208-209). O moralismo anglo-saxão, com sua coloração burguesa-cristã, lhe parece de todo similar a ideologia moralista defendida pelo Estado soviético. A expressão “bolchevique-inglês”, forjado nesta ocasião, nos diz da extensão de sua solidariedade com o combate alemão contra a ordem britânica. “A forma burguesa-cristã do ‘bolchevismo’ inglês é a mais perigosa”. Heidegger precisa além do mais que sem o aniquilamento (*Vernichtung*) deste não se chegará a colocar fim ao espírito da idade moderna. Em 1942, em seu curso sobre Hölderlin, ele define a entrada em guerra por parte dos Estados Unidos como uma agressão contra a Europa, portanto contra o coração do Ocidente. O espírito americano encarna a seus olhos “a ausência de história” (*die Geschichtslosigkeit*), ele está privado de ancoramento no “começo” (ele é *das Anfangslose*). Sua vocação é a “auto-destruição”. A Alemanha aguarda tranquilamente sua “hora decisiva” (sua *Sternstunde*) (cf. Ga. vol. 53, p. 68). A confusão entre o pensamento do ser e a missão privilegiada dos alemães está indicada claramente. Um ano mais tarde, quando a Alemanha se aproximou da catástrofe, Heidegger reiterou sua convicção segundo a qual a Alemanha estava investida da missão de salvar o Ocidente: “O planeta está em chamas. O ser do homem está despedaçado. É somente dos alemães que pode vir a meditação sobre a história universal (*die weltgeschichtliche Besinnung*), contanto que eles achem “a especificidade alemã” (*das Deutsche*) e a conservem” (cf. GA. vol. 55, p. 123).

A solidariedade profunda com a causa alemã durante a Segunda Guerra mundial é ilustrada pela superestimação do combate alemão pelo pensamento do ser. Em um de seus textos sobre Jünger, citado mais acima (redigido em 1939-40), as democracias ocidentais são mostradas como forças que lutam para a salvação do passado (*um die Rettung des Bisherigen*), enquanto que o

combate alemão seria portador da potência do futuro (cf. GA, vol. 90, p. 221). Heidegger recusava os slogans correntes, a interpretação “superficial” segundo a qual o combate alemão seria aquele do “socialismo alemão” contra a “plutocracia” ocidental, como ele recusava de aceitar a redução da guerra alemã a um combate pelo “espaço vital”. Seu desejo era que a luta pela potência fosse ultrapassada em vistas da fundação de uma “nova verdade do ser”, da qual os alemães seriam os portadores (as cartas endereçadas a sua mulher em 26 de novembro de 1939 e em 18 de maio de 1940, esta última comentando as vitórias da armada alemã contra a França e a Inglaterra – ela começa com as seguintes palavras: “A tempestade que cai agora sobre o inimigo é terrível” – são particularmente significativas neste sentido). Hugo Ott faz referência em sua biografia a uma carta enviada por Heidegger sobre o fim da campanha na Rússia a um de seus estudantes, Karl Ulmer, que lutou no *front* do leste, na qual o filósofo escreveu que a única existência digna de um alemão era então estar no *front* (cf. la page 165 da edição francesa do livro de Ott). Mais tarde, após a guerra, em *A carta sobre o humanismo*, Heidegger idealizou o combate da juventude alemã, escrevendo que “assim os jovens Alemães que tinham consciência sobre Hölderlin^[9] tinham pensado e vivido em face da morte outra coisa que aquilo que a publicidade pretendeu ser a opinião alemã”. Desgraçadamente ele esqueceu de falar que este combate foi acompanhado dos piores crimes e atrocidades na visão dos povos que foram as vítimas da agressão alemã.

A conclusão que se impõe é que o pangermanismo estaria em Heidegger em estreita conexão com seu pensamento do ser, que seu apoio ao movimento nacional-socialista estaria condicionado pelo projeto de fundar filosoficamente este movimento sobre aquele pensamento: o “fim da idade moderna” (*das Ende der Neuzeit*), que ele designava como seu desejo, só podia se cumprir a partir de uma outra apreensão do ser. Sua visão sobre a história e a política contemporâneas não se deixa compreender fora desta visão fundamental.

Notas

* TRADUÇÃO E NOTA: RONALDO VIELMI FORTES; REVISÃO LEONARDO GOMES DE DEUS.

^[1] Este texto representa o suporte para uma intervenção oral pronunciada em uma mesa redonda nos quadros de um colóquio organizado pelo *Centre Communautaire de Paris*, no final de novembro de 2006 sobre o tema “Heidegger, negacionismo, anti-semitismo?”.

^[2] Professor na *École des hautes études em sciences sociales*.

^[3] Dr. Heinrich Brüning (1885-1970) foi um político alemão durante a República de Weimar. Ele serviu como Chanceler da Alemanha no período de 1930 a 1932. Era do [Partido de Centro](#), de forte presença católica. Brüning foi um dos mais influentes políticos da República de Weimar, assumindo o papel de chanceler em 1930 – por indicação direta feita pelo presidente Hindenburg, – com o objetivo principal de restaurar a economia da república abalada pelo impacto do *crash* de *Wall Street* de 1929.

^[4] O *Deutsche Zentrumspartei* (Partido Alemão do Centro) constitui o partido mais antigo a ser fundado na [Alemanha](#) – em 1870. Foi um partido orientado pelos valores católicos, forte nas zonas católicas da Alemanha ([Baviera](#), [Renânia](#), entre outras). Após 1918, sem ser entusiasta, o *Zentrum* passa a aceitar a República de Weimar e se põe a serviço do Estado exercendo forte influência na condução da política do período entre guerras. A maior parte dos chanceleres da República de Weimar pertenciam ao *Zentrum*: [Konstantin Fehrenbach](#) (1920 - 1921); [Joseph Wirth](#) (1921 -1922); [Wilhelm Marx](#) (1923-1925/1926-1928); [Heinrich Brüning](#) (1930 - 1932); [Franz von Papen](#). Até 1933 foi um dos partidos mais importantes nos sistemas políticos do [Império Alemão](#) e da [República de Weimar](#). A partir de 1945 perdeu o seu espaço político para a [CDU](#). Hoje continua a existir, mas sem qualquer peso político.

^[5] Trata-se de um plano a ser posto em prática pelos nazistas na eventualidade de uma tomada de poder. O “método Boxheimer” propunha o aprisionamento e a liquidação dos seus oponentes políticos, em nome do Estado.

^[6] Horst Ludwig Wessel (1907-1930) foi um ativista do nazismo, autor da canção "[Die Fahne hoch](#)" ("A bandeira hasteada"), usualmente conhecida como [Horst-Wessel-Lied](#) ("A canção de Horst Wessel"), que tornou-se o hino do Partido Nazista e hino co-nacional alemão no período de 1933 a 1945. Considerado postumamente como herói pelo movimento nazista em função de sua violenta morte em 1930. Sua morte se deu por meio de um confronto direto com a responsável pelo bloco em que habitava Horst, chamada de Frau Salm (ao que tudo indica militante comunista), que revoltada com as violentas atividades em que se encontrava

envolvido Horst, e em função da habitual morosidade de Wessel no pagamento do aluguel, solicitou ajuda a um grupo de simpatizantes comunistas dos bairros populares de Berlin, com a desculpa do atraso no pagamento do aluguel, e o ameaçaram e chegando até mesmo a agredi-lo. Em uma tarde, um grupo de pessoas encabeçadas por Else Cohn (seguidora de Ali Hohler), entraram no apartamento de Horst Wessel e o assassinaram com vários tiros.

^[7] Albert Leo Schlageter (1894-1923) foi membro da [Freikorps Alemã](#) e [mártir](#) para os nacionais [socialistas](#). Chamaram-no de "O primeiro soldado do terceiro Reich". Durante a ocupação do [Ruhr](#) (Ruhrkampf-batalha do Ruhr) em 1923, Leo liderou uma patrulha de combate [paramilitar](#) ("Schwarze Reichswehr" (Exércitos Negros), que tentou resistir à ocupação das forças francesas por meio de [sabotagem](#). Determinado número de [trens](#) foram descarrilados com o objetivo de impedir o abastecimento, ou seja a [logística](#) das tropas francesas, chegando até a explodir um viaduto. Tal viaduto era economicamente vital para os [franceses](#), pois era por meio deste que eles repreendiam,cerceavam e cobravam dos [alemães](#) as atrasadas indenizações de guerra, e além disto sua posição era estratégica, tanto geopolítico como sócio-economicamente. Em [7 de Abril](#) de 1923 Schlageter foi traído, possivelmente, por seus próprios camaradas de patente e combate, sendo portanto preso e julgado por uma corte marcial francesa em [7 de Maio](#) de 1923, sob a acusação de sabotagem. Foi condenado a morte, tendo sua sentença executada na manhã do dia [26 de maio](#) do mesmo ano, numa mata próxima a [Düsseldorf](#) .

^[8] Hönigswald estudou medicina e filosofia com [Alois Riehl](#) e [Alexius von Meinong](#) e em 1916 foi professor de filosofia, psicologia e pedagogia em Breslau. Conclui o doutorado em 1924 cujo orientador foi [Norbert Elias](#). A partir de 1930 passou a lecionar em Munique. A ênfase do seu trabalho recaía sobre a teoria do conhecimento a partir do ponto de vista da filosofia da linguagem. Em 1933, como judeu, foi compulsoriamente afastado da sua prática como professor. Em 1938, ele permaneceu por três semanas no campo de concentração em *Dachau*. Em 1939 emigrou com sua esposa e sua irmã para a Suíça e daí para os Estados Unidos.

^[9] Friedrich Hölderlin (1770 - 1843), [poeta](#) lírico e [romancista](#) alemão. Conseguiu sintetizar na sua obra o [espírito](#) da [Grécia antiga](#), os pontos de vista [românticos](#) sobre a [natureza](#) e uma forma não-ortodoxa de [cristianismo](#), alinhando-se hoje entre os maiores poetas germânicos. Seu romance epistolar Hyperion (1797-1799), situado durante a revolta dos gregos contra os turcos otomanos (1770), é a [expressão](#) lírica da sua [crença](#) em um novo [Cristo](#) grego, [símbolo espiritual](#) da [regeneração](#), que sobrepuja a fragilidade e a [alienação](#) dos homens.